

“As empresas brasileiras de GED não perdem em nada para as internacionais”



Rosália Paraíso é diretora de uma das maiores empresas nacionais de gestão da informação e do conhecimento, a Documentar, instalada em Belo Horizonte (MG). Formada em Biblioteconomia, ela poderia ter sido uma simples organizadora de documentos. Mas não foi. Em entrevista ao *ABGD News*, durante a segunda edição do GMC (Global Make Conference), em São Paulo, a empresária nos conta sua vivência em 30 anos no mercado e comenta as tendências mundiais para o setor.

*ABGD News: Fale um pouco sobre sua carreira.*

Rosália Paraíso: Biblioteconomia, naquele tempo, era uma profissão objetiva. Logo, porém, entrei na gestão da informação, entendi o setor e acabei por desenvolver uma metodologia que denominei Gestão Integrada de Recursos Informacionais, ou seja, não importa onde se está na hierarquia da organização quando é preciso tomar decisões. Essa prática me levou a criar uma empresa, a primeira no Brasil no segmento de consultoria e gerenciamento de informação, conhecimento e gestão documental.

*ABGD: Qual é a sua análise sobre o mercado, hoje?*

RP: O GMC mostra exatamente o direcionamento do mercado, que é: ou você estrutura a sua informação e passa a gerenciá-la e trazê-la como vantagem competitiva para seu negócio, ou está fora do mercado. Porque a tomada de decisão é cada vez mais dificultada pelo excesso de informação e do conhecimento.

*ABGD: E qual é a intenção desse evento, o GMC Brasil?*

RP: O evento é organizado pela TKN Brasil, que é uma ONG de um grupo de profissionais da área. A intenção é trazer para o Brasil o Prêmio Make (Most Admired Knowledge Enterprise). Aliás, vejo o prêmio como um grande Norte, já que ele existe em mais de 20 países.

*ABGD: A sra. acha que as empresas nacionais estavam sem esse Norte?*

RP: Acho que é uma questão de maturidade. O Brasil não estava tão amadurecido para trabalhar a gestão do conhecimento. Eu nunca ouvi falar tanto como hoje na demanda por gestão de conhecimento. Agora, fala-se nisso com propriedade, o que traz resultado para o processo de negócios.

*ABGD: O fato é que, hoje, a gestão do conhecimento e da informação não se restringe às grandes companhias, certo?*

RP: Com certeza. Neste evento discutimos isso. Que tipo de empresa (ou empresas de que porte) pode demandar a gestão do conhecimento. A prática de conhecimento utilizada será a que está no dono, que tem uma metodologia pessoal e um conhecimento próprio.

*ABGD: A Documentar sofreu impactos com a crise econômica?*

RP: Tivemos impactos consideráveis em contratos que não foram ou não serão

efetivados. Há contratos que solicitam redução de até 15%. Então, sem dúvidas, o setor vive a crise, principalmente as empresas que vendem commodities.

*ABGD: Há muitas diferenças entre as empresas nacionais e internacionais?*

RP: Em termos de práticas sim; em termos de valores, não. As diferenças estão no gerenciamento da informação, no armazenamento e nas formas de comercialização. A sensação que temos é que há um movimento mundial no rumo da gestão do conhecimento corporativo.

*ABGD: A sra. vê o setor muito fechado?*

RP: O mercado é muito fechado, todos somos. Particpei de um projeto da Fundação Dom Cabral, o Parceiros para a Excelência, junto com outras empresas. Naquele momento eu não corria nenhum risco em meu negócio; eu compartilhava experiências com outros empresários. Acho que isso é um exemplo a ser repetido. Você aprimora a maneira de gerenciar sua companhia.

*ABGD: Em seus negócios, como o Brasil é visto pelos outros países?*

RP: O Brasil está em pé de igualdade com a Europa e os Estados Unidos. Nossa intenção, com o Prêmio Make, é de ter 30 cases brasileiros inscritos até 30 de julho. As empresas brasileiras hoje têm toda a competência instalada para competir; elas só não sabem disso.

*ABGD: Como a sra. entende que deveria ser nossa legislação nas diversas mídias para otimizar a gestão da informação?*

RP: O Poder Público continua enraizado ao papel. Para o governo, o papel dificulta a fraude, ao contrário do que ocorre com o meio eletrônico. Mas isso é uma inverdade. Para que eu adultere uma imagem ou um documento microfilmado, é preciso me valer de alguém com muita competência tecnológica. Mas, para nossa sorte, o governo brasileiro está cada vez mais consciente e motivado em relação ao governo eletrônico (certificações, assinaturas eletrônicas e biometria). Só o que falta é vontade política e conhecimento dos nossos legisladores. Não há como recuar, o mundo é digital.

*ABGD: Quais são as maiores dificuldades do setor?*

RP: Temo por não ter a integração e o conhecimento disseminados. Temo que as novas empresas brasileiras não se preocupem mais com sua capacitação.

*ABGD: Que dicas a senhora deixa para os associados?*

RP: Acredito que o trabalho e a missão das associadas da ABGD são muito grandes. Trata-se de empresas brasileiras que têm estrutura, capacidade de investimento, conhecimento no mercado e que são capazes de serem gestoras de mídias com preservação para o futuro. O que já temos preservado se deve ao trabalho de excelência das empresas de armazenamento. O ideal seria que esse mercado, hoje desarticulado, começasse a se organizar. A existência de uma associação parte exatamente da visão de que um complementa o outro.